

25) A caridade perfeita

O *Decreto sobre a renovação da vida religiosa, Perfectae caritatis*, começa sublinhando que "consecução da caridade perfeita por meio dos conselhos evangélicos tem a sua origem na doutrina e nos exemplos do divino Mestre e brilha como um sinal luminoso do reino dos céus" (PC 1).

Tempo atrás me tocou, rezando o Ofício de Vigílias, um pensamento de Santo Agostinho, em seu *Comentário à Primeira Carta de São João*.

Ele diz: "Qual é a perfeição da caridade? Amar os inimigos e amá-los para que se tornem irmãos. Nossa caridade, de fato, não deve ser segundo a carne. Ama os teus inimigos, para que eles se tornem teus irmãos; ama os teus inimigos, para que entrem em comunhão contigo. Assim amou Aquele que, pendurado na cruz, disse: 'Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem' (Lc 23,34)" (1,9).

Percebi que após 50 anos do Decreto *Perfectae caritatis*, e talvez seja especialmente neste ponto, que os religiosos, monges e monjas, deveriam trabalhar conscientemente, se quiserem aquela renovação na comunhão em Cristo, que em tantas comunidades parece não ser ainda uma experiência.

No fundo, o amor aos inimigos é a mais importante e decisiva contribuição que o Cristianismo introduziu na história da humanidade. É a verdadeira revolução cristã, uma revolução profética sempre necessária, que sempre se deve renovar, hoje mais que nunca. E se os religiosos devem seguir a Cristo, mais de perto, é sobre este ponto que vai colocado o acento, a prioridade. E a vida comunitária, a vida cenobítica, de comunhão, nos é dada, principalmente, para nos exercitar nisto, para crescer em e para esta caridade perfeita, a única perfeição de caridade, a única perfeição divina, possível aos pecadores, se perdoam as dívidas dos outros, para ver as próprias dívidas perdoadas pelo Pai.

Pouco depois de ter encontrado este pensamento de Santo Agostinho, lia nos apoftegmas um pensamento do Abade Zeno: "quem desejam que Deus ouça rápido a sua oração, quando levanta e ergue as mãos ao Senhor, antes de rezar para qualquer outra coisa e pela sua própria alma, deve rezar de coração por seus inimigos. É por esta boa ação que Deus o ouvirá, qualquer coisa que Lhe peça" (*Série Alfabética, Zeno, 7*).

A caridade perfeita começa a partir da oração prioritária pelos inimigos, porque justamente, como sublinha Agostino, é a oração de Cristo Crucificado, o ponto de interseção no seu Coração, entre o amor pelo Pai e o amor pela humanidade pecadora, portanto o ponto eucarístico, onde nos é obtida pela Cruz, a graça de sermos filhos adotivos de Deus e, irmãos e irmãs Nele.

Quando eu li o apoftegma de Zeno, disse-me que algo tinha que mudar na minha oração, que era hora que desde da manhã, realmente aderisse à oração do próprio Cristo, também para sair de um certo formalismo que ameaça, sempre e sobretudo, nós, que em um certo sentido, somos "profissionais" da oração. Entendi que o conteúdo da oração deve dar vida à forma da oração, e não

esperar sempre o contrário, que a forma dê conteúdo à nossa oração. O apoftegma de Zeno nos faz entender que aquilo que nos é pedido, é de recomeçar, a cada dia, a rezar partindo da oração de Jesus, ilustrada pelo Pai Nosso, pela Sua intercessão pela humanidade, pela Sua oração de nosso Advogado junto ao Pai. Por que no fundo somos todos inimigos de Deus, salvos pela oração e pela caridade perfeita de Cristo crucificado, ressuscitado e elevado a direita do Pai.

O mundo, mais que pela beleza, creio será salvo pelo amor aos inimigos, pela caridade perfeita de Cristo, que é a verdadeira beleza de Deus e do mundo, pelo amor de Cristo que reza por todos os homens, a fim de que todos se tornem irmãos na grande família dos filhos do Pai misericordioso.

Creio que a verdadeira e renovada reforma da vida religiosa, deve partir do assumir, em primeira fila, daquilo que renova o mundo. O mundo não precisa muito da renovação da vida consagrada como tal, não precisa de uma nossa renovação auto-referencial, como diria Papa Francisco, mas necessita que a vida consagrada inicie, em si mesma, a renovação do mundo na caridade perfeita de Cristo, que é amor aos inimigos, a fim de que se tornem irmãos. E o amor aos inimigos começa onde se começa a rezar por eles, porque não pode ser um amor que vem de nós, mas começa com a graça da caridade de Deus, que a oração mendiga e acolhe. Caso contrário, pensamos na renovação da vida consagrada como uma maquiagem, mesmo quando é espiritual. Ao invés, faz sentido só se for para viver, essencialmente, a perfeita caridade de Cristo.

Recentemente falei com um bispo religioso sobre a renovação da vida consagrada. Dizia-me que mais do que uma renovação, agora a vida consagrada precisa de uma reforma. Concordo, mas me senti de salientar que também a reforma não basta: é preciso mais de uma *regeneração* da vida consagrada, ao serviço da regeneração da vida de toda a Igreja. Porque a regeneração é possível se um Outro nos gera de novo, se renascemos do alto (cfr. Jo 3,3). E este nascimento, este parto, que nos é sempre possível renovar, é o amor aos inimigos.

É a mensagem do Sermão da Montanha:

"Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem. Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem assim os próprios publicanos? Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isto também os pagãos? Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito." (Mt 5,43-48)

Aqui Jesus fala da nossa regeneração por Deus, que o amor e a oração pelos inimigos torna imediatamente possível, mas nos fala também da regeneração conseqüente do mundo, da cultura. Introduzindo no mundo esta novidade, que não se satisfaz mais com a maneira de pensar e de viver dos

pagãos e publicanos, transmitimos ao mundo aquilo que nos regenera, e esta regeneração no Espírito, na caridade de Cristo, transforma, sempre mais, a humanidade dividida, em família de Deus; nos foi dado o poder filial de Cristo, de gerar irmãos e irmãs!

Talvez é justamente assim que devemos conceber o reviver do nosso carisma, assim como um retornar ao carisma de São Bento e de nossos padres e madres cistercienses como paternidade. O carisma é uma paternidade que gera no Espírito e na caridade de Cristo. O carisma é uma paternidade/maternidade que gera no Espírito à nova humanidade, que nos é oferecida em Cristo, à humanidade do "Novo Adão", do homem novo, que é o próprio Cristo, e que o Espírito Santo quer formar, gerar em nós e em todos, derramando em nós, o amor de Cristo para com o Pai e para com o próximo, a caridade perfeita do Filho de Deus.

Omnis humanitas – Omnis humilitas

No início do nosso caminho citei a bela expressão que São Bento usa a propósito do acolhimento dos hóspedes, no capítulo 53 da Regra, onde pede de acolhê-los com "toda a humanidade possível – *omnis humanitas*" (RB 53,9). E fazia a pergunta: O que significa esta humanidade total, inteira, que deve passar da nossa experiência monástica aos outros que encontramos e o mundo externo?

Não tenho a pretensão de ter respondido. A nova humanidade em Cristo, que São Bento quer nos formar, é uma experiência, uma consciência da experiência humana, que nunca terminaremos de aprofundar. Aprofundando-a, iniciamos a vivê-la, e uma humanidade nova vivida é um testemunho, que transforma e renova a sociedade, o mundo, a cultura.

Gostaria apenas de salientar uma coisa, concluindo o caminho deste ano, um detalhe no Capítulo 53 da Regra que, creio, seja importante manter e continuar a aprofundar. São Bento não diz somente de acolher o hóspede, "mostrando toda a humanidade possível – *omnis ei exhibeatur humanitas*". Pede também, usando praticamente as mesmas palavras, para "demonstrar a todos os hóspedes que vêm ou partem toda a humildade possível – *omnis exhibeatur humilitas omnibus venientibus sive discedentibus hospitibus*" (RB 53,6).

É como se para São Bento, à luz do Evangelho, a plenitude da nossa *humanidade* coincidissem com a plenitude da nossa *humildade*. Somos plenamente humanos se somos plenamente humildes. Por quê? Porque a humanidade se manifesta e se realiza em relação com o outro, e humildade cristã é aquela atenção ao outro que o reconhece mais importante que si, à luz do amor de Cristo, que por amor a toda humanidade "não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo" (Fl 2,6-7), até a morrer na cruz por nós. A plenitude humana, de Cristo e em Cristo, é a sua caridade perfeita; mas a caridade, como ensina o Evangelho e a Regra, é fruto da humildade que aceita diminuir para que o outro possa crescer. A humildade é a lei fecunda da geração.

Porém, no capítulo 53 da Regra, a humildade total e a humanidade total são possíveis porque tem um centro, um centro que as une e define, e este centro é a adoração de Cristo. Bento diz que os monges deve cumprimentar os hóspedes com toda humildade para "adorar nestes Cristo que vem acolhido – *Christus in eis adoretur, qui et suscipitur*" (RB 53,7). É nesta atitude de adoração de Cristo no próximo que São Bento pede para acolher o hóspede "em toda humanidade."

A humildade de reconhecer e adorar a Deus no homem, é aquilo que nos torna perfeitamente humanos, totalmente humanos. Humanos na relação nova de comunhão, honra e caridade que podemos oferecer a todos, oferecendo-a, antes de tudo, ao próprio Cristo. É assim que o evento cristão, do qual São Bento nos educa a fazer experiência, transfigurou, transfigura e poderá, sempre de novo, tranfigurar o mundo humano. E hoje é mais necessário que nunca. Convido-vos a partir daqui humanizando o mundo, com humildade total, que adora e acolhe Cristo, em cada pessoa que encontrareis.

Como todos os anos, o meu último capítulo é também uma oportunidade de expressar aqui e através do site nossa grande gratidão a todos aqueles que o tornaram possível, com tanta generosidade e dedicação. Somos gratíssimos à Agnese por ter organizado tudo tão bem e com tanta paciência, assim como Piotr, Pe. Lluc, Pe. Mainrado, as caríssimas e generosíssimas Irmãs Filhas do Coração de Maria, na cozinha e lavanderia, a todos os professores, em particular ao Salvatore pelas suas guias culturais.

Obrigado aos intérpretes, especialmente àqueles da nossa Ordem, que se colocaram generosamente a disposição e suas comunidades, que nos concederam: Pe. John de Dallas, Pe. Guilherme de Claraval, Ir. Aline de S. Giacomo di Veglia. Grande trabalho asseguraram todos as tradutoras e tradutores dos meus Capítulos: Madre Eugenia de Talavera de la Reina, Annemarie Schobinger, o Prof. Antonio Tombolini, Ir. Aline. Para o inglês este ano foi a comunidade de Dallas, que assumiu o compromisso de um trabalho em grupo, que envolveu até mesmo o abade Peter, além de Irmãos Thomas, Joseph, Stephen e John! Somos gratos a quem cuidou da Liturgia: Pe. Galgano, Fr. Agostino, Pe. Mainrado e Don Gerardo.

E devemos ser gratos uns aos outros, e sobretudo a Deus, pelo dom de poder-nos encontrar, conhecer-nos, viver um tempo de comunhão, que nos formou não somente a nos conhecer mais, mas a viver mais intensamente nossa vocação, para sermos também nós, sempre mais instrumentos de evangelização do mundo.

Este ano, apenas quatro concluíram o triênio: Ir. Elisabeth e Ir. Diane de Boulaur, Ir. Felicitas Waldsassen e Fr. Giacomo de Mogila. Os saudamos com carinho. Com todos os outros, e os novos que virão: encontro no próximo ano, para continuar juntos esta aventura!